

## SÔBRE UMA COLEÇÃO DE MAMÍFEROS DE MATO GROSSO

por  
C. VIEIRA

Examinando uma coleção de mamíferos coletados no Estado de Mato Grosso pela expedição chefiada pelo DR. OLIVÉRIO M. DE OLIVEIRA PINTO, Diretor do Departamento de Zoologia, encontramos três símios; três carnívoros; cinco quirópteros; três xenartros; um marsupial; um artiodáctilo e nove roedores.

Os exemplares constam de peles cheias com os respectivos crânios e algum material em álcool, òtamente preparados pelo naturalista colecionador SR. ALFONSO M. OLALLA.

Lista das espécies e subespécies coletadas em Barra do Aricá, Rio Aricá e Palmeiras:

### SÍMIOS

*Cebus fatuellus macrocephalus* Spix  
*Cebus paraguayanus pallidus* Gray  
*Callithrix argentata melanura* (E. Geoffroy)

### QUIRÓPTEROS

*Vampyrus spectrum* (Linnaeus)  
*Uroderma bilobatum* Peters  
*Molossus obscurus* E. Geoffroy  
*Hemiderma perspicillatum* (Linnaeus)  
*Glossophaga soricina* (Pallas)

### XENARTROS

*Euphractus sexcinctus gilvipes* (Lichtenstein)  
*Cabassous loricatus* (Pelzeln)  
*Tamandua tetradactyla chapadensis* Allen

### CARNÍVOROS

*Nasua nasua aricana* subs. n.  
*Cerdocyon thous azarae* (Wied)  
*Tayra barbara barbara* (Linnaeus)

**Cebus paraguayanus pallidus Gray**

*Cebus pallidus* Gray, 1865, Proceed. Zool. Soc. London, p. 826 (Bolívia).

*Cebus azarae* O. Thomas, 1903, On the Mammals collected by Mr. Robert at Chapada, Mato Grosso; Proceed. Zool. Soc. London, vol. 1, p. 234 (Chapada).

*Cebus azarae pallidus* Elliot, 1913, A Review of the Primates, vol. 2.

*Cebus libidinosus pallidus* Lönnberg, 1939, Arkiv för Zoologi, Band 31 a, n. 23, p. 11 (Bolívia).

3 ♂ ♂ e 4 ♀ ♀, Faz. Aricá, Rio Aricá; OLALLA col., 23-V-1944.

Êstes macacos concordam com *Cebus pallidus* de GRAY cuja localidade típica é a Bolívia e foi considerado por ELLIOT como simples raça de *Cebus paraguayanus* Fischer, 1829 = *Cebus azarae* Rengger, 1830.

Apesar da denominação, é muito mais escuro que esta forma do norte da Argentina, Paraguay e sul de Mato Grosso.

Nos exemplares de *paraguayanus* que possuímos provenientes de Corumbá, Miranda, Salobra e Coxim, a coloração geral é parda tornando-se amarelada na parte superior do dorso e flancos; ventre vivamente ocráceo; membros pardo-acinzentado muito mais escuros nos pés e nas mãos; cauda com o mesmo colorido.

Nêstes exemplares, a coloração geral é pardo-acinzentada bastante escura, principalmente ao longo da espinha; ventre pardo-ocráceo muito claro; pés e mãos com pêlos cinzentos, entremeados de pêlos esbranquiçados; cauda pardo muito escura na parte superior.

ELLIOT considerou esta raça como intermediária entre *C. azarae* e *C. versutus* de Minas Gerais, e admitiu a sua extensão até Mato Grosso: "How near it may approach *C. azarae* at Chapada is not known, but is not improbable that their boundaries may overlap at some point between Peru and Mato Grosso". (1)

Não é maior que a raça típica *C. paraguayanus paraguayanus* (2) como poderia parecer pelas medidas dadas por ELLIOT (3), como poderemos vêr pela comparação das medidas cranianas.

(1) A Review of the Primates, p. 109.

(2) *Cebus paraguayanus* de FISCHER, 1829, Sinopsis Mammalium, tem prioridade sobre *Cebus azarae* de RANGGER, 1830, Naturg. Säugethiere Paraguay, 1, p. 28.

(3) LÖNNBERG (Arkiv for Zoologi, 1939, band 31-A, n.º 23) considera errôneas essas medidas (A Review of the Primates, vol. 2, p. 109).

O mesmo Autor considera *C. paraguayanus* e *C. pallidus* como simples raças de *C. libidinosus* Spix, cuja localidade típica é Rio Carinhanha, Minas Gerais.

Não possuindo atualmente material suficiente de Minas Gerais para comparação, preferimos acompanhar a opinião de ELLIOT.

## DIMENSÕES DOS CRÂNIOS:

N.º	Comptº total	Comptº palatival	Comptº hense-liano	Largª bizigo-mática	Largª caixa cranª	Largª inter-orbital	Série molares superºs	Comptº mandibular
6.317, ♂	91	28	—	58	51	5	21	56
6.319, ♂	91	28	65	58	51	5	21	56
6.320, ♀	89	28	62	57	47	5	20	55
6.321, ♀	90	26	62	57	47	5	21	55
5.788, ♂ Salobra	93	29	66	64	51	6	22	57
3.363, ♀ Corumbá	92	29	65	62	51	6	22	56

## Fam. CALLITHRICHIDAE

*Callithrix argentata melanura* (E. Geoffroy)

*Jacchus melanurus* E. Geoffroy, 1812, Ann. Mus. Hist. Nat. Paris, XIX, p. 120.

*Hapale melanura* Pelzeln, 1883, Brasilische Säugethiere, p. 23 (Cuiabá e Caiçara).

*Callithrix melanura* O. Thomas, 1903, On the Mammals of the Percy Sladen Expedition; Proceed. Zoolog. Soc. London, vol. 1, p. 234 (Chapada).

*Hapale melanura* M. Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, Anexo 5, Zoologia, p. 20 (São Luiz de Cáceres e Alto Jaurú).

*Callithrix argentata melanura* A. Allen, 1916, Mammals collected on the Roosevelt Brazilian Expedition; Bull. Amer. Mus. Nat. History, vol. XXXV, p. 583 (Urucum).

3 ♂♂ e 1 ♀, Faz. Aricá, Rio Aricá e 1 ♂ e 1 ♀ de Palmeiras; col. OLALLA, VI-1944.

NOME LOCAL: "Sauim".

Êstes graciosos sagüis em nada diferem dos quatro exemplares da mesma raça existentes no Departamento de Zoologia e coletados na Vila de Santo Antônio, arredores de Cuiabá, por JOSÉ DE LIMA em setembro de 1937. O mesmo já não se dá com os exemplares de Corumbá caçados por ERNEST GARBE em 1917 que são muito mais claros na cabeça, nuca, dorso e membros.

Nos exemplares de Palmeiras, Aricá e Santo Antônio, a cabeça e todo o dorso apresentam-se de colorido cinza-pardacento bastante escuro, sendo os membros anteriores e posteriores quase do mesmo colorido.

Nos exemplares de Corumbá a cabeça é cinza muito clara e o dorso apresenta-se pardo-amarelado bastante esbranquiçado nas fêmeas. Os membros são também muito menos escuros.

MIRANDA RIBEIRO (1) notou que um exemplar do Alto Jaurú apresentava colorido muito mais escuro que o de cinco indivíduos de São Luiz de Cáceres, o que confirma a grande variabilidade do colorido destes símios.

A raça típica *C. argentata argentata* da qual temos grande cópia de exemplares procedentes de Cametá, Estado do Pará, diferencia-se, principalmente, em ser menor e ter a cabeça branca e os membros cinza-esbranquiçado muito claro.

O crânio é bem mais largo como vemos nas seguintes dimensões comparadas.

DIMENSÕES COMPARADAS:

N.º	Cabeça corpo	Cauda	Pé posterior	Comp. total	Comp. palat.	Larg. bizig.	Comp. hens.	Série mol. sup.	Comp. mand.
4.313 ♂ Pará	270	334	60	48	16	34	37	10	31
4.264 ♂ S. Antº	280	240	67	48	15	31	36	10	31
6.328 ♂ Aricá	281	240	70	49	16	30	36	10	31
6.332 ♂ Aricá	280	240	70	48	16	31	36	10	31

(1) A. DE MIRANDA RIBEIRO, 1914, Comissão Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, Anexo 5, Zoologia, p. 20.

## Q U I R Ó P T E R O S

## Fam. PHYLLOSTOMIDAE

*Vampyrus spectrum* (L.)

*Vespertilio spectrum* Linnaeus, 1758, Syst. Naturae, 12.<sup>a</sup> ed., p. 46.

1 ♂ adulto de Barra do Aricá a 72 kms. de Cuiabá, colecionado por A. ZOPPEI em 19-V-944 dentro de casa (exemplar em álcool).

Este grande e raro morcêgo que constituia desiderato da coleção de quirópteros do Departamento de Zoologia, é agora, pela primeira vez constatado em Mato Grosso, o que amplia muito mais a sua já extensa área de distribuição.

É conhecido desde a Jamáica e outras ilhas das Antilhas, através de tôda a América Central, Guianas e Brasil setentrional até o norte da Bahia.

Este exemplar apresenta colorido pardo-murino na cabeça e no dorso; mais escuro no braço e antebraço; garganta, peito e ventre, assim como as partes inferiores do braço recobertas de pêlos mais curtos e de côr pardo-claro. Suas dimensões são as seguintes: — cabeça e corpo 150 mm; cabeça 70; orelha 40; folha nasal 17; trago 17; antebraço 105; tibia 60; pé 30; polegar com unha 40; envergadura 540.

É principalmente frugívoro, não desprezando também insetos grandes e até mesmo pequenos pássaros, conforme observação de autores fidedignos (1).

Nêste exemplar, o estômago foi encontrado absolutamente vazio.

---

(1) V. R. DITMARS, 1935, Collecting Bats in Trinidad "New York Zoological Society", vol. XXXVIII, p. 213.

**Glossophaga soricina** (Pallas)

*Vespertilio soricinus* Pallas, 1766, Misc. Zool., p. 48, pl. V, fig. 161.

*Glossophaga soricina microtis* J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Am. Mus. Nat. Hist., vol. XXXV, pg. 582 (Urucum).

2 ♂ ♂ e 3 ♀ ♀ de Palmeiras, 28-V-944; coletados dentro de casa (em álcool).

Pequeno morcêgo, dos mais comuns no Brasil.

Êstes exemplares de Mato Grosso não apresentam diferenças apreciáveis dos que possuímos em nossas coleções.

MILLER (1), em 1913, descreveu uma nova subespécie *G. soricina microtis* baseada em exemplares de Sapucaí no Paraguai, cujas orelhas achou serem menores que as de outros exemplares provenientes do Brasil.

ALLEN (2), considerou os exemplares coletados em Urucum, Mato Grosso pela Expedição Roosevelt como pertencentes a essa suposta subespécie.

Entretanto, comparando-se êstes exemplares de Palmeiras com os inúmeros outros que possuímos provenientes de quase todos os estados, nenhuma diferença se consegue notar no tamanho das orelhas ou nos crânios.

**Hemiderma perspicillatum** (L.)

*Vespertilio perspicillatus* Linnaeus, 1758, Syst. Nat., 10ª ed., p. 31.

*Hemiderma perspicillatum* O. Thomas, 1903, On the Mammals collected at Chapada; Proceed. Zool. Soc. London, V, p. 234 (Chapada).

1 ♂ adulto, Palmeiras, 28-V-944; coletado dentro de casa (em álcool).

Êste morcêgo é talvez o mais encontrado por todo o Brasil, como o atestam os inúmeros exemplares provenientes de quase todos os estados que possui o Departamento de Zoologia.

---

(1) MILLER, Proceed. N. S. Nat. Museum, 1913, v. 46, p. 419.

(2) ALLEN, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Am. Mus. Nat. History, vol. XXXV, p. 582.

LEO E. MILLER (1) que o observou na Colômbia afirma ser esta espécie extremamente nociva aos bananais, pois ataca os frutos mesmo quando ainda estão verdes.

Também faz grandes estragos nos depósitos de bananas, onde penetram por qualquer abertura que encontre.

#### ***Uroderma bilobatum* Peters**

*Uroderma bilobatum*, Peters, 1866, Monat. K. preuss. Akad. Wissensch. Berlin, p. 587 (Ipanema, São Paulo).

*Stenoderma (Uroderma) personatum* Pelzeln, 1888, Brasilische Säugethiere, p. 34 (Ipanema, São Paulo).

1 ♂ de Palmeiras, Cuiabá, 10-VI-944, apanhado à noite no teto duma casa (em álcool).

Espécie rara, da qual a nossa coleção possuía unicamente uma pele proveniente do Peru.

Foi, por muitos autores, incluída no gênero *Artibeus*, dada a grande semelhança de caracteres externos e cranianos.

Entretanto, o crânio é mais estreito e alongado, com rostro mais comprido e com cêrca de três quartos do comprimento da caixa encefálica que é pouco elevada.

Possui a mesma dentição, com molares e pré-molares iguais; os incisivos internos porém são bilobados (2).

No presente exemplar as dimensões externas são as seguintes: cabeça e corpo 63; orelha 16; trago 5; antebraço 46; polegar sem unha 17; terceiro metacarpiano 41; primeira falange 17; tibia 19; pé 9.

NATTERER colecionou um exemplar em Ipanema e DOBSON (3) menciona como sua área de distribuição Caiena e Brasil (São Paulo).

Pela primeira vez é agora constatado no Estado de Mato Grosso.

(1) Bull. Am. Mus. Nat. Hist., 1916, vol. XXXV, p. 601.

(2) Cf. gênero *Artibeus*; Ensaio Monográfico dos Quirópteros do Brasil; Arquivos de Zoologia, vol. III, p. 343.

(3) Cat. Chiropt. Brit. Museum, p. 363.

## Fam. MOLOSSIDAE

*Molossus obscurus* E. Geoffroy

*Molossus obscurus* E. Geoffroy, 1805, Annales du Museum, VI, p. 154; idem, Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Am. Mus. Nat. History, vol. XXXV, pg. 583.

1 ♂ adulto, Rio Aricá, Fazenda Aricá, 19-VI-944; apanhado numa fôlha de palmeira babaçu em companhia doutro exemplar que não foi capturado.

Dos membros da grande família *Molossidae*, é este, no Brasil, um dos mais comuns, pois tem grande área geográfica que se estende por tôda a América Tropical, até o Paraguai e mesmo o norte da Argentina.

DOBSON (1) considerou-o simples variedade de *Molossus rufus* com o qual realmente muito se assemelha, porém é bem menor, alcançado o antebraço, nos maiores exemplares, apenas 40 mm ao passo que naquela espécie, atinge 45 mm.

O colorido é o mesmo, variando do pardo-fulvo ao pardo-escuro.

Habita nos troncos ôcos de palmeiras, mas, segundo DOBSON é encontrado também noutras árvores e mesmo nos telhados de casas.

Este exemplar do Rio Aricá nenhuma diferença apresenta quer no colorido, quer nas dimensões dos vários exemplares de nossa coleção provenientes, sobretudo do Amazonas.

## CARNÍVOROS

## Fam. PROCYONIDAE

*Nasua nasua aricana* subsp. n.

*Nasua nasua* O. Thomas, 1903, On the Mammals collected by Mr. A. Robert at Chapada, Mato Grosso; Percy Sladen Expedition to Central Brazil; Proceed. Zool. Soc. London, vol. 1, p. 236 (Chapada).

*Nasua nasua solitaria* J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Brazilian Expedition; Bull. Am. Mus. Nat. Hist., vol. XXXV, p. 573 (Urucum e São Lourenço).

3 ♂ ad., 1 ♂ juv. e ♀ ad., Faz. Aricá, Rio Aricá, sul de Cuiabá.

HOLÓTIPO: exemplar nº 6.309 do Departamento de Zoologia, ♂ ad., colecionado por A. M. OLALLA em 2-VII-944 na Fazenda Aricá, Rio Aricá, Município de Cuiabá, Estado de Mato Grosso.

ALÓTIPO: exemplar nº 6.312, ♀ ad., idem.

(1) Cat. Chiropt. Brit. Museum, 1878, p. 412.

O. THOMAZ, em 1903, examinando o material mastozoológico colecionado por A. ROBERT em Chapada, centro de Mato Grosso (1), notou grande variação de colorido e até diferenças cranianas entre os dezoito exemplares de quatis obtidos por aquele colecionador.

J. A. ALLEN (2) nos exemplares provenientes de Urucum e São Lourenço, observou duas fases: uma, avermelhada, que chamou "erythrismal" e outra, cinzenta, notável pela uniformidade do colorido geral.

Não tendo material suficiente para comparação, entretanto, suspeitou tratar-se de nova forma, afirmando:

"It is quite probable, on both faunal and geographic grounds, that the southern Mato Grosso animal is subspecifically separable from true *solitaria* of the southeast coast region of Brazil, lack of material in the present connection, however, renders impossible direct comparison of the coats of these two regions".

Êstes cinco exemplares do Rio Aricá confirmam essa previsão de ALLEN.

Os de números 6.309 e 6.311, ambos ♂ ♂ adultos, estão na fase cinzenta e assemelham-se pelas dimensões e côr geral às raças amazônicas, principalmente ao *Nasua nasua juruana* de IHERING, mas diferem profundamente no crânio e em certos detalhes de colorido.

Seus crânios são muito mais compridos que os de qualquer outra raça amazônica, quase igualando em comprimento o de *solitaria* do Brasil meridional; a crista sagital é muito menos saliente que em *juruana* e a arcada zigomática é notavelmente estreita, sendo muito inferior em largura a de qualquer outra raça de quati brasileiro.

A caixa craniana é relativamente mais dilatada que nas raças amazônicas e a arcada palatina é muito mais estreita.

Trata-se, portanto, duma outra subespécie que ocorre na zona dos pantanais e na região central de Mato Grosso, estendendo-se talvez para o norte, até o Estado do Amazonas.

**DESCRIÇÃO DO HOLÓTIPO:** — Colorido geral cinzento muito escuro, mesclado de ruivo, coloração essa devido aos pêlos das partes superiores do corpo serem subapicalmente ruivo-amarelado e negros nas extremidades; pêlos da cabeça e da nuca até a metade do foci-

---

(1) On some mammals collected by Mr. A. Robert at Chapada; Percy Sladen Expedition to Central Brazil; Proc. Zool. Soc. Lond., 1903, vol. 1, p. 236.

(2) Mammals of the Roosevelt Brazilian Expedition; Bull. Am. Mus. Nat. Hist., 1916, vol. XXXV, p. 574.

inho, pretos, mesclados de branco; extremidade do focinho inteiramente negra; olhos circulados por duas manchas esbranquiçadas; duas listras da mesma côr na fronte; orelhas negras circuladas de branco; mento inteiramente branco; garganta amarelo-canelina; peito e ventre pardo-escuro; pernas e pés negros; cauda com anéis quase negros mal definidos, entremeados de pardo-escuro; extremidade negra.

DESCRIÇÃO DO ALÓTIPO: — Colorido geral amarelo-arruivado, sendo os pêlos das partes superiores do corpo medianamente amarelos com bases pretas e extremidades avermelhadas; colorido da cabeça e focinho, assemelhando-se ao do precedente, sendo porém mais claro; mãos, pernas e pés menos enegrecidos; cauda com anéis negros bem definidos, entremeados de pardo-amarelado claro.

DIMENSÕES COMPARADAS:

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comp. total	Comp. palatival	Larg. bizigomática	Larg. caixa cranª	Larg. inter-orbital	Série molar. super.	Comp. mandibular
6.309, ♂, Rio Aricá	680	500	132	79	67	45	24	39	92
6.310, ♂, Rio Aricá	610	460	129	80	60	40	22	40	92
6.311, ♂, Rio Aricá	600	442	129	76	64	42	24	37	91
780, 1♂, Rio Juruá	670	530	130	76	79	43	25	39	91
2.576, ♂, Maranhão	730	550	126	75	75,5	41	26	35	89
5.242, ♂, Cametá	560	480	130	—	72,5	41,5	29	39,5	92,5
5.547, ♂, Lago Batista	630	480	133	—	78	40,5	27,5	40	94
6.312, ♀, Rio Aricá	513	422	109	71	61	42	24	36	85

Grande confusão reina entre os autores que, desde WIED, trataram das espécies do gênero *Nasua* que ocorrem em nosso país.

A escassez do material de que dispunham, assim como a extrema variação de colorido que apresentam os quatis em diferentes idades e ainda o notável dimorfismo sexual, muito contribuíram para a descrição de inúmeras formas novas baseadas muitas vezes em leves diferenças de colorido e sexo.

As denominações *Nasua narica*, *solitaria*, *nasua*, *socialis*, *rufa*, *dorsalis*, etc., foram indiferentemente aplicadas aos quatis tanto do norte como do sul do Brasil.

WIED (1) considerou, embora sob reserva, como duas espécies distintas “o quati mundeu” e o “quati-de-bando” dos caçadores aos quais denominou respectivamente *Nasua solitaria* e *Nasua socialis*.

BURMEISTER (2) aceitou-as como espécies distintas e GRAY em 1869, no Catálogo de Carnívoros do Museu Britânico, considerou-as como sinônimos de *Nasua narica* e *Nasua rufa*.

PELZELN (3) denominou *Nasua narica* não só os quatis coletados por NATTERER em Ipanema e Rio de Janeiro, como também os de Borba, Rio Amazonas, embora considerando-os como raças diferentes.

GOELDI (4) apenas considerou como espécie válida *Nasua socialis* ou “quati-de-bando” em seu Catálogo da coleção de mamíferos do Museu do Pará (5), denominando *Nasua socialis* Wied, aos quatis então existentes no Jardim Zoológico daquele museu; distinguiu entretanto duas variedades: uma com “roupagem dorsal brunoescura, por vezes quase preta e outra de roupagem ruivo-vermelha, vistosa côr de canela” do litoral paraense que denominou *Nasua socialis* var. *rufa*.

H. IHERING em sua monografia dos mamíferos do Brasil Meridional (6) baseando-se no material então existente no Museu Paulista, admitiu a existência de duas espécies apenas, uma pardo-cinza e outra avermelhada que denominou respectivamente *Nasua narica* e *Nasua nasua*.

LÖNNBERG (7) em 1922, considerou como existente no Brasil apenas *N. nasua* da qual tôdas as outras supostas espécies seriam varia-

(1) Beitrage Naturg. Brasiliens, 1826, vol. 2, p. 283.

(2) Thiere Brasiliens, 1854, p. 120.

(3) Brasilische Säugethiere, 1883, p. 56.

(4) Os Mamíferos do Brasil, 1893, p. 73.

(5) Boletim do Museu Goeldi, 1906, tomo IV, p. 59.

(6) Rev. Mus. Paul., 1911, tomo VIII, p. 147.

(7) Arkiv för zoologi, band 14, n.º 4, p. 101.

ções individuais e uma nova espécie de Santa Catarina descrita sob o nome de *Nasua henseli*.

Evidentemente, o número de peles de quatis de que dispunham esses autores era bastante reduzido, pois é impossível após o exame do material existente em nosso Departamento e proveniente de diferentes regiões do país, admitir-se a existência de duas formas apenas.

Os exemplares provenientes dos Estados do Pará e Amazonas e geralmente determinados pelos autores como *Nasua nasua* ou "quati vermelho" apresentam notáveis variações, o que permite a separação de várias raças amazônicas.

O verdadeiro *Viverra nasua* de LINNEU (1) foi baseado no "quati" de MARCGRAVE (2) e, portanto, de Pernambuco ou região próxima do nordeste brasileiro.

A esta forma podemos atribuir os exemplares de nossas coleções caçadas por SCHWANDA em Miritiba (Maranhão). Os exemplares dos machos adultos concordam com a referência de MARCGRAVE sobre o colorido: pêlos longos, côr de ocre-escuro e anéis da cauda do mesmo colorido.

O exemplar nº 2.576, ♂ ad., é de colorido pardo-avermelhado claro uniforme, muito diferente dos exemplares amazônicos que são muito mais escuros, principalmente ao longo do dorso, onde muitas vezes forma-se uma faixa escura da nuca à base da cauda.

Os quatis provenientes do Rio Juruá diferem bastante no colorido, dimensões e crânio dos procedentes do leste do Amazonas e Estado do Pará.

Trata-se evidentemente duma raça diferente denominada por H. IHERING *Nasua narica juruana* (3). Esta forma é entretanto muito mais afim da típica *Nasua nasua* avermelhada do nordeste que de *Nasua solitaria* (imprópriamente denominada *narica* por H. IHERING), cinza-amarelado do Brasil meridional, devendo ser considerada como raça daquela espécie e não desta.

Possuimos atualmente, do Rio Juruá, além das peles coletadas por E. GARBE em São Felipe (hoje João Pessoa) e que serviram de base para a nova raça de IHERING, quatro outras com os respectivos crânios coletados pelo sr. ALFONSO OLALLA na mesma região em 1936.

O colorido geral é cinza-escuro misturado de ruivo no que difere

---

(1) Syst. Naturae, 1766, 12 ed., p. 64.

(2) Hist. Nat. Bras., 1648, p. 228

(3) Rev. Mus. Paul., 1911, tomo VIII, p. 241.

à primeira vista das outras raças amazônicas do norte do Brasil cujo colorido geral dos machos adultos é vermelho-canelino.

As peles procedentes da zona de Cametá, Estado do Pará, foz do Tocantins, não têm as partes superiores com pêlos enegrecidos, principalmente na região da base da cauda, como as do Lago do Batista, sul do Solimões, Estado do Amazonas.

A pelagem é uniformemente vermelho-ferrugínea e as extremidades das patas são muito mais escuras, quase negras. O tamanho é pouco menor conforme pode-se constatar confrontando-se as medidas externas e cranianas.

O exemplar nº 5.242, ♂ ad., de Cametá, Pará, assemelha-se nas partes superiores aos exemplares do Maranhão em ter o colorido pardo-avermelhado uniforme, sem quaisquer pêlos negros, porém é de colorido muito mais carregado, côr de ocre-escuro. A cabeça é bastante arruivada e o focinho enegrecido; a cauda é também côr de ocre-escuro com anéis quase pretos, entremeados de pêlos avermelhados. O exemplar nº 5.246, ♀ ad., apresenta-se com as partes superiores um pouco mais claras sem todavia igualar ao pardo-claro dos exemplares maranhenses; o focinho é menos escuro que o do ♂ e a cauda tem anéis escuros muito mais definidos.

DIMENSÕES COMPARADAS:

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comp. total	Larg. bizigomática	Larg. caixa craniana	Larg. interorbital	Série mol. sup. es	Comp. mandibular
5.242 ♂, Cametá	560	480	130	72,5	41,5	29	39,5	92,5
5.246 ♀, Cametá	550	400	119	64	39	25,5	34	84
5.547 ♂, Lago Batista	630	480	133	78	40,5	27,5	40	94
5.542 ♀, Lago Batista	530	400	120	63	39	25	38	84

Os exemplares procedentes do Lago do Batista diferem principalmente, como já foi dito em terem as partes superiores do corpo

recobertas de pêlos negros que formam muitas vêzes uma bem definida faixa escura ao longo do dorso.

Do avultado número de peles dessa região que atualmente possui o Departamento de Zoologia, algumas mostram acentuadas tendências para o melanismo. Tais são as de nº 5.542 e 5.543, ambas de fêmeas adultas e coletadas pelo sr. OLALLA, em 1937.

Dadas tôdas essas diferenças, é evidente tratar-se de duas raças distintas, sendo provável que os exemplares de Cametá correspondam ao *Nasua mexiana* de HAGMANN (1) baseado em exemplares da Ilha Mexiana na foz do Amazonas e de onde não temos material para comparação exata.

Podemos pois afirmar com alguma segurança que os quatis do norte, nordeste e Amazônia apresentam, pelos menos, quatro formas distintas:

a raça típica *Nasua nasua nasua* que ocorre do nordeste ao Maranhão;

uma raça de colorido arruivado-escuro do Rio Juruá, denominada *juruana* por HERMANN IHERING;

outra, de colorido avermelhado-vivo, sem pêlos escuros no dorso e base da cauda, provavelmente *mexiana* de HAGMANN (2);

finalmente, uma raça maior, com pêlos escuros, sôbre o dorso e base da cauda e que corresponde ao *Nasua rufa* de DESMAREST, conforme a descrição de GRAY (3) no catálogo do Museu Britânico.

Quanto aos quatis do Brasil Central e Meridional, não é menor a confusão reinante.

A denominação específica *narica* de LINNEU (corrigida por outros autores para *nasica*) pertence indiscutivelmente à espécie avermelhada que habita o sul do México e a América Central e da qual tem sido feitas várias subespécies.

É, pois, erradamente, que autores como PELZELN e HERMANN VON IHERING, empregaram-na para designar uma das várias formas de colorido cinza-amarelado que ocorrem no sul e no centro do Brasil.

LÖNNBERG, tratando da questão das espécies realmente válidas no Brasil, diz:

---

(1) Archiv. Ressen-und Gessel Biol., 1908, vol. 5, p. 12.

(2) HAGMANN, 1908, Archiv. Ressen-und Gessel Biol., v. 5, p. 12.

(3) GRAY, 1869, Cat. Carnivorous in the British Museum, p. 239.

“There is however, no doubt that were two different kinds of coatis in Brazil viz. the northern ruffous comparatively short haired *Nasua nasua* L. and the southern more buffy, greyish grizzled and more furry one, which I venture to name *Nasua henseli*” (1).

Ora, pela descrição de *Nasua henseli* à pag. 102, baseado em três exemplares de Santa Catarina considerada por êle como localidade típica, vê-se que se trata simplesmente duma raça distinta da forma cinza-amarelada tão comum no Brasil Meridional e impròpriamente considerada por VON IHERING como espécie sob a denominação de *narica*.

A única pele que possuímos proveniente de Santa Catarina e coletada em Joinville não apresenta diferenças notáveis das numerosas peles de *Nasua nasua solitaria* provenientes dos Estados de São Paulo e Mato Grosso.

As medidas comparadas dos crânios de Santa Catarina com os de São Paulo, Minas Gerais e Goiás, são as seguintes:

DIMENSÕES COMPARADAS DO CRÂNIO:

N.º	Comtº total	Comtº palatila	Larg. bizigomática	Larg. caixa craniana	Larg. interorbital	Série molares superiores	Comtº da mandíbula
1.674, ♂, Joinville	145	82	79	45	30	43,5	101
1.675, ♂, Joinville	140	81	71	43	25	42	97,5
2.459, ♂, Paraná	137,5	83,5	83	46,5	33	40	96
3.017, ♂, Pirapora	138	76	80	42	27	38	94
Goiás 4.237, ♂,	135	76	77	44	28	39	93

Como se vê, as diferenças são pequenas, sendo muito maiores nas medidas de LÖNNBERG que as comparou com as de quatis do

(1) Arkiv för Zoologi, 1912, band 4, n.º 1. p. 101.

Equador, Maranhão e Chaco austral, muito menores que as raças do Brasil central e meridional.

Os exemplares que possuímos provenientes do litoral e do interior do Estado de São Paulo são perfeitamente iguais quer nas medidas quer no colorido, aos exemplares dos Estados de Minas, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

WIED (1), como já vimos, baseado em SCHINZ (2) considerou, embora com dúvidas, como duas espécies diferentes essa mesma forma. Autores subsequentes como HENSEL, WINGE, BURMEISTER e VON IHERING (3) assentaram definitivamente que essa distinção não tem razão de ser, tratando-se a pretensa espécie *solitaria* apenas de indivíduos idosos, quase sempre machos, que se apartam do bando para viverem isolados.

A essa forma que podemos considerar simplesmente uma das raças do típico *Nasua nasua* do norte do Brasil, cabe a denominação *solitaria*, conforme especifica ALLEN (4):

"The earliest identifiable names, for the *Nasua* of the southeastern Brasil are *Nasua solitaria* and *Nasua socialis* Schinz (ex Wied M. S.), 1821, which are the same, respectively, as *Nasua solitaria* and *N. socialis* Wied, 1826, *N. solitaria* being based on old males and *N. socialis* on females and young males, as stated by Wied who regarded his *N. solitaria* as very doubtfully distinct from his *N. socialis*. Unfortunately, through Schinz's prior publication of the names, both have the same standing, except that *solitaria* has page precedence over *sociabilis* (= *socialis* Wied) and the refore requires acceptance".

Esta raça, comuníssima por tôdas as regiões do Brasil meridional onde ainda existam grandes matas é de colorido geral cinza-escuro pardacento, mesclado de amarelo. Cabeça pardo-amarelada com manchas esbranquiçadas sôbre os olhos; focinho preto, mento esbranquiçado; orelhas pretas marginadas de pêlos brancos; pêlos do dorso de três cores: amarelo na base, preto na parte mediana, o que dá uma tonalidade cinza-amarelada; membros anteriores e posteriores com o mesmo colorido; mãos e pés pretos; ventre pardacento; cauda amarelo-pardacenta com sete ou oito anéis muito escuros, assim como a extremidade.

Conforme a idade, essa coloração está sujeita a inúmeras variações.

---

(1) Beitrage zur Naturgeschichte von Brasilien, 1826, band II, p. 283.

(2) Das Thierreich, 1821, vol. I, p. 199.

(3) Rev. Mus. Paul., 1911, vol. VIII, p. 233.

(4) Bull. Am. Mus. Nat. Hist., vol. XXXV, p. 374.

Nos machos velhos, o colorido da cauda é muito descorado, quase não se notando os anéis escuros.

É comum apresentarem tendências ao melanismo como acontece no exemplar nº 1.925 ♂ de Itapura que tem a cabeça quase negra, assim como a parte mediana do dorso até a base da cauda, apresentando esta anéis muito mais negros que os dos outros exemplares provenientes da mesma localidade.

Outras vezes tem pronunciado colorido canelino-avermelhado principalmente no dorso e em sua cauda mal sobressaem os anéis pretos.

Duas fêmeas adultas provenientes do Município de Assis (margem do Rio Paranapanema) e caçadas no mesmo bando apresentam notáveis diferenças de colorido: a de nº 6.627 tem o dorso arruivado e os anéis pretos da cauda pouco perceptíveis ao contrário da de nº 6.628 que é muito mais cinzenta.

Como se vê, são muito freqüentes as variações individuais o que tem levado os caçadores a distinguir várias espécies.

Esta raça também ocorre no extremo sul do Estado de Mato Grosso. Uma pele de Porto Sapé no Rio Pardo, afluente do Paraná, assim como duas outras de Miranda, em nada diferem no colorido dos exemplares de *N. nasua solitaria* provenientes de outras regiões do Brasil meridional. As medidas cranianas comparadas não apresentam diferenças apreciáveis.

As peles provenientes do sudeste de Goiás, colecionadas por JOSÉ BLASER em 1932, na zona do Rio São Domingos apresentam notáveis diferenças de colorido e tamanho da raça que acabamos de descrever.

O exemplar de nº 4.237, ♂ adulto, caçado na barra do Rio São Domingos, Estado de Goiás, é de colorido amarelo muito claro, principalmente nas partes inferiores; cabeça amarelada; focinho cinza muito claro; manchas orbitales amareladas e pouco perceptíveis. Mede 1,700 mm. de comprimento total, dos quais 530 pertencem à cauda.

Outro exemplar de ♀ adulta coletada por W. GARBE em Rio Verde, sul de Goiás é de colorido e dimensões inteiramente iguais.

O crânio nº 4.228, ♂ adulto, também da barra do Rio São Domingos, tem as seguintes medidas: comprimento total, 134 mm; largura bizigomática, 80; comprimento palatila, 87; largura da caixa craniana, 44; largura interorbital, 31; série dos molares superiores, 39; comprimento da mandíbula, 93.

Dois exemplares de Pirapora, no Rio São Francisco, Estado de Minas Gerais, caçados em 1913, concordam com essas peles de Goiás.

Os exemplares de filhotes n.ºs. 4.231 ♀, 4.235 e 4.236 ♂♂, são de colorido inteiramente semelhante aos dos adultos já citados, diferindo neste ponto notavelmente dos quatis do Brasil meridional que são muito escuros, às vêzes mesmo quase pretos, quando bem jovens.

Será, portanto, outra raça própria ao sudeste de Goiás, norte de Minas Gerais e talvez sudeste da Bahia.

### Fam. MUSTELIDAE

#### *Tayra barbara barbara* (Linnaeus)

*Mustela barbara* Linnaeus, 1758, Syst. Nat., 10.<sup>a</sup> ed., p. 46.

*Galera barbara* O. Thomas, 1903, Proceed. Zool. Soc. London, vol. I, p. 236 (Chapada);

M. Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, Anexo 5, Zoologia, p. 28 (Caiçara).

*Tayra barbara* H. Ihering, 1911, Os Mamíferos do Brasil Meridional, Rev. Mus. Paul., vol. VIII, p. 248.

NOME LOCAL: "Irara".

1 ♀ juv. da Fazenda Aricá, Rio Aricá, OLALLA colecionador, 26-VI-944.

Sendo esta espécie de larga distribuição por toda a região neotropical, está naturalmente sujeita a inúmeras variações, principalmente no colorido, o que deu lugar à separação por vários autores de numerosas subespécies e até de espécies, baseadas em diferenças de tamanho, colorido ou pequenos detalhes cranianos.

As variações cromáticas porém, a nosso vêr, pouco valôr teem, dada a tendência dêstes mustelídeos para o semialbinismo ou mesmo albinismo total.

Assim, no copioso material existente em nossas coleções e procedentes de várias localidades do Estado de São Paulo, podemos notar a freqüência da variação da cor, mesmo nos exemplares adultos, que apresentam o dorso e a cauda variando do negro-luzidio ao cinza-claro, ou mesmo inteiramente branco.

Da dezena de raças consideradas válidas e distribuídas do México a Argentina, três ocorreriam no Brasil:

*Tayra barbara barbara* (Linnaeus) cuja pátria típica foi desig-

nada por J. A. ALLEN (1) como sendo a Guiana, e mais tarde retificada por LÖNNBERG (2) para Pernambuco. Esta raça típica é dada como própria do norte e nordeste do Brasil.

*Tayra barbara gulina* (SCHINZ) considerada por J. A. ALLEN (3) como a raça do Brasil Central e Meridional e diferindo da precedente em ter o crânio mais robusto e relativamente mais largo e curto. Os caracteres de colorido considerados por êsse autor, são todavia pouco convincentes. *Mustela gulina* de SCHINZ foi baseada nos exemplares de WIED, caçados no Morro da Arara, Espírito Santo, que fica assim considerado a localidade típica desta raça.

*Tayra barbara madeirensis* LÖNNBERG, cuja localidade típica é Humaitá, Rio Madeira, Amazonas, e descrita por êste autor, como:

“A large dark and short-haired animal. Very dark, blackish brown above and below, almost black on hind-quarters; head and neck dark umber brown, shading gradually without any line of demarcation into the colour of the back. The ears are somewhat lighter brown than the head. The tail is quite black, less bushy than in the typical *T. barbara*.” (4)

Os exemplares que possuímos de Santa Cruz, Rio Juruá, Estado do Amazonas, podem ser referidos a esta raça, pois concordam com êstes caracteres.

Êste exemplar de Aricá sendo ainda bastante imaturo, não permite comparação segura com os outros exemplares procedentes de várias regiões do Brasil existentes em nossas coleções, motivo porque o consideramos como pertencentes à raça típica *T. barbara barbara* (L.).

## Fam. CANIDAE

### *Cerdocyon thous azarae* (Wied).

*Canis azarae* Wied, 1826, Beiträge zur Naturgesch. von Brasilien, vol. II, p. 338.

*Canis brasiliensis* Wied (não de Schinz), 1824, Abbild. Naturg. Brasil, pl. 23.

*Canis cancrivorus* Thomas, 1903, On the Mammals of the Percy Sladen Expedition; Proceed. Zool. Soc. London, vol. 1, p. 23 (Chapada).

*Canis thous guaraxa e melampus* H. Ihering, 1911, Os Mamíferos do Brasil Meridional, p. 219.

(1) Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. New York, 1904, vol. XX, p. 38.

(2) Arkiv för Zoologi, 1914, band 8, vol. 16, p. 19.

(3) Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. New York, 1916, vol. XXXV, p. 572.

(4) Arkiv. för Zoologi, 1914, band 8, vol. 16, p. 19.

*Canis azarae* M. Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas Mato Grosso ao Amazonas, Anexo 5, Zoologia, p. 29 (Coruja, Mato Grosso).

*Cerdocyon thous azarae* J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Brazilian Expedition; Bull. Am. Mus. Nat. Hist., vol. XXV, p. 574; Moojen de Oliveira, 1943, Bol. Mus. Nacional, Zoologia, n.º 1, p. 12 (Ceará).

2 ♂♂ de Cuiabá, A. AGGIO col., 15-VI-1944.

NOME LOCAL: "Lobinho"

HERMANN VON IHERING em sua monografia sobre os mamíferos do Brasil meridional considerou *Canis azarae* WIED (= *Cerdocyon thous azarae*) como sinônimo de *Canis brasiliensis* SCHINZ = *Pseudalopex gymnocercus* (Fischer), o "guarachaim" ou "graxaim" tão conhecido nos campos do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina.

Nessa confusão caíram outros autores, inclusive o próprio WIED que, na gravura de seus "Abbildungen zur Naturgeschichte Brasiliens", figurou *Canis azarae* sob a denominação de *brasiliensis*.

*Canis brasiliensis* de SCHINZ refere-se exclusivamente ao graxaim e não invalida *Canis azarae* de WIED.

Nesse mesmo trabalho, IHERING separou os cães desta espécie em 5 subespécies distribuídas das Guianas ao Rio Grande do Sul.

À zona de Santa Catarina ao Rio de Janeiro, atribuiu *Canis melampus* de WAGNER (1) distinguindo-o pela cor pardo-escura, quase preta e pés denegridos.

Mais para o norte, até o Ceará, *Canis guaraxa* de H. SMITH variedade pouco menor e de pernas ruivo-amareladas.

Essas variações de colorido, como aliás o próprio autor reconheceu, são de pouco valor.

No material existente em nossa coleção, podemos observar pelos provenientes de Franca, Estado de São Paulo com o colorido do dorso variando de tom muito escuro ao cinza-arruivado e com pernas e pés ruivo-amarelas ou inteiramente denegridas.

Também exemplares de Pirapora, Minas; Barra do São Domingos e Rio das Mortes, norte de Goiás, apresentam as mesmas características dessa raça *melampus*, pernas denegridas.

Os crânios também nenhuma diferença apresentam que autorize essa separação da subespécie *azarae*.

*Canis thous riograndensis* é o mesmo *Canis entrianus* de BURMEISTER (2) e *Canis thous sclateri* da Amazônia, apresenta tais dife-

(1) WAGNER, 1841, Schreber's Säugethiere, Supplem. II, p. 92.

(2) BURMEISTER, 1861, Reise La Plata Staaten, bd. II, p. 400.

renças específicas que foi por CABRERA (1) separado no gênero *Ateolocynus*. Finalmente, *Canis thous thous* conserva-se como a forma típica das Guianas.

Êstes dois exemplares de Cuiabá apresentam as pernas notavelmente amareladas, muito mais que nos exemplares de Miranda e Corumbá existentes em nossa coleção.

A cauda do exemplar nº 6.314, ♂ adulto, é muito mais enegrecida que a do nº 6.315, ♂ mais ou menos da mesma idade, e as orelhas são mais ruivo-amareladas.

MEDIDAS DO COLECIONADOR: nº 6.314 ♂, cabeça e corpo 654; cauda 320; pé posterior 150; nº 6.315 ♂, cabeça e corpo 654; cauda 320; pé posterior 150.

MEDIDAS DOS CRÂNIOS: nº 6.314 ♂, comp. total 147; comp. palatila 72; comp. henseliano 140; série de molares superiores 54; comp. mandibular 115; nº 6.315 ♂, comp. total 152; comp. palatila 72; largura bizigomática 78; largura caixa craniana 42; comp. henseliano 145; série de molares superiores 55; comp. mandibular 115.

## ARTIODÁCTILOS

### Fam. CERVIDAE

#### *Ozotoceros bezoarticus bezoarticus* (L.)

*Cervus bezoarticus* Linnaeus, 1758, Syst. Nat., 10.<sup>a</sup> ed., p. 67.

*Cervus campestris* M. Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, p. 33 (Campos do Uricurisal e Porto Esperidião, Mato Grosso).

*Blastoceros bezoarticus campestris* (2) J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Brazilian Expedition; Bull. Am. Mus. Nat. Hist., vol. XXXV, p. 565 (Tapirapoã, Mato Grosso).

*Dorcephalus bezoarticus* M. Ribeiro, 1919, Os Veados do Brasil, Rev. Mus. Paul., tomo XI, p. 28.

**NOME LOCAL: "Veado campeiro".**

1 ♂ adulto da Faz. Aricá, Rio Aricá; OLALLA, 3-VII-944 (pele aberta com crânio).

(1) CABRERA, 1940, Notas sobre Carnívoros Sudamericanos; Notas del Museo de La Plata, tomo V, p. 14.

(2) Conforme Cabrera (Rev. Mus. La Plata, 1943, tomo III, p. 11) o *Cervus campestris* de CUVIER foi baseado em exemplares do gênero *Odocoileus*.

Este exemplar apresenta-se em plena muda de chifres e tem as seguintes dimensões dadas pelo colecionador: comprimento total 131 mm; cauda 120; pé posterior 355.

A coloração geral é ruivo-báia, concordando com a descrição de M. RIBEIRO (1).

Segundo CABRERA ocorrem três raças dêste veado na América do Sul: a raça típica, *O. bezoarticus bezoarticus* (L.) do Brasil; *O. bezoarticus leucogaster* Goldfuss do Chaco paraguaio e *O. bezoarticus celer* Cabrera, dos pampas argentinos (2).

Esta raça típica distingui-se das outras em ser de maior tamanho e de colorido mais avermelhado.

## X E N A R T R O S

### Fam. DASYPODIDAE

#### *Cabassous loricatus* (Pelzeln)

*Xenurus loricatus* Pelzeln, 1883, Verhandl. Zool. Bot. Ges. Wien, Beiheft, p. 102 (Cabeça de Boi, Mato Grosso).

*Cabassous loricatus* J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Brazilian Expedition; Bull. Am. Mus. Nat. Hist., vol. XXXV, p. 565 (Utiariti, Rio Papagaio, Mato Grosso).

1 ♂ jovem, Rio Aricá, coletado por AGGIO em 23-VI-944.

Espécie das mais raras da qual nenhum exemplar possuía o Departamento de Zoologia.

O gênero *Cabassous* caracteriza-se em ter dentes e possuir cauda relativamente curta e sem placas. Compreende quatro espécies no Brasil, das quais a mais comum é *Cabassous unicinctus* ou "Tatu de rabo mole" distribuído por todo o Brasil até o Paraguai e Argentina.

*C. loricatus* é muito menor, tem as orelhas muito mais reduzidas e possui treze faixas ou cintas móveis formadas de placas retangulares muito menores que as dos escudos.

O colorido geral do corpo é muito escuro, quase preto.

O crânio é mais intumescido na região frontal e as arcadas zigomáticas são muito mais estreitas.

---

(1) Rev. Mus. Paul., 1919, tomo XI, p. 28.

(2) Sobre la Sistemática del Venado, 1943, Rev. Mus. La Plata, tomo III, Zoología, p. 38.

**DIMENSÕES EXTERNAS:** cabeça e corpo 331 mm; cauda 87; pé posterior 70.

**CRÂNIO:** comprimento total 80; comprimento condilo-basal 72; largura bizigomática 45; largura da caixa craniana 34.

Esta espécie até agora, no Brasil, só tem sido constatada em Mato Grosso.

***Euphractus sexcinctus gilvipes* (Lichtenstein)**

*Dasypus gilvipes* Lichtenstein (1), 1815, Abh. Ak. Beh., p. 215; O. Thomas, 1903, On the Mammals of the Percy Sladen Expedition, Proceed. Soc. London., vol. 1, p. 242 (Chapada).

*Dasypus sexcinctus* M. Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas; anexo 5; Zoologia, p. 46 (Utiariti, Mato Grosso).

*Euphractus sexcinctus gilvipes* J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Brazilian Expedition; Bull. Am. Mus. Nat. Hist., vol. XXXV, p. 564 (Urucum).

2 ♂♂ adultos; Fazenda Aricá, Rio Aricá, colecionados por OLALLA em 23-VI-944:

NOME LOCAL: "Tatu cascudo".

Os tatus do gênero *Euphractus* caracterizam-se em terem 6 faixas móveis e cauda relativamente comprida, tôda recoberta de placas.

Compridas cerdas revestem-lhes as partes superiores e inferiores do corpo.

Diferencia-se esta subespécie da forma típica do Pará *E. sexcinctus sexcinctus* em ser bem maior. No nordeste brasileiro ocorre *E. sexcinctus setosus* de WIED cuja pátria típica é a Bahia e, no Brasil meridional é bem comum outra subespécie *E. sexcinctus flavimanus* também encontradiço no Paraguai.

**DIMENSÕES:** n° 6.358, ♂ : cabeça e corpo 450; cauda 210; pé posterior 90; crânio: comprimento total 113; comprimento condilo-basal 105; largura bizigomática 62; largura da caixa craniana 42; série dentária 50;

---

(1) O *Dasypus gilvipes* de ILLIGER (Abh. Akad. Berl., 1811, p. 108) citado por alguns autores, e considerado *nomen nudum*.

nº 6.359, ♂ : cabeça e corpo 442; cauda 205; pé anterior 90; crânio e comprimento total 110; comprimento condilo-basal 102; largura bizigomática 61; largura caixa craniana 40; série dentária 50.

### Fam. MYRMECOPHAGIDAE

#### *Tamandua tetradactyla chapadensis* Allen

*Tamandua tetradactyla* O. Thomas, 1903, On the Mammals of the Percy Sladen Expedition; Proceed. Zool. Soc. London, p. 242 (Chapada).

*Tamandua tetradactyla* M. Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas; Anexos 5, Zoologia, p. 46 (São Luiz de Cáceres).

*Tamandua tetradactyla chapadensis* J. A. Allen, 1904, Bull. Am. Mus. of Nat. Hist., vol. XX, p. 392 (Chapada).

NOME LOCAL: "Tamanduá-mirim".

2 ♀ ♀ adultas; Faz. Aricá, Rio Aricá; 1-VI-944.

Esta raça caracteriza-se pelo crânio que tem os ossos muito mais curtos e a caixa craniana muito mais chata e menos convexa quando comparados com os das outras raças.

Êstes exemplares do Rio Aricá concordam plenamente com a descrição do tipo de ALLEN colecionado em Chapada por H. SMITH em 1885.

No de nº 6.334 porém, a parte preta do dorso e a base da cauda apresentam-se muito mais claros, entremeados de pêlos amarelos.

Do mesmo colorido são as partes inferiores, principalmente o ventre.

Trata-se como se vê de simples variação individual, aliás muito comum nesta espécie.

GOELDI (1) já notara essas variações, citando no seu catálogo de mamíferos do Museu Paraense exemplares melânicos.

Nos inúmeros exemplares que possuímos provenientes dos Estados do Pará e Amazonas, podem ser observadas formas melânicas, quase inteiramente pretas, ao lado de formas albinas, quase brancas.

COPE (2), em 1889, determinou exemplares de Chapada como *Myrmecophaga bivittata* de DESMAREST, sinônimo de *M. tetradactyla* de LINNEU.

(1) Boll. Museu Paraense, vol. IV, p. 97.

(2) Amer. Mus. Nat. Hist., 1889, XXIII, p. 132.

ALLEN (1) comparou as medidas cranianas de seu tipo e cótipos com exemplares da Colômbia, México e Panamá.

Comparando-se essas medidas com as dos crânios de outras raças brasileiras verificamos grande diferença de tamanho quanto às do Brasil meridional e grande semelhança quanto às da Amazônia.

As dimensões externas dos exemplares de Aricá são as seguintes:

nº 6.334, ♀ : cabeça e corpo 621; cauda 402; pé posterior 90.

nº 6.335, ♀ : cabeça e corpo 613; cauda 412; pé posterior 90.

#### DIMENSÕES COMPARADAS DOS CRÂNIOS

N.º	Comp. total	Comp. condilo basal	Comp. dos nasais	Maior larg. da caixa craniana
6.334 ♀, Aricá	130	127	42	43
6.335 ♀, Aricá	127	123	42	39
2.838 ♀, Est. S. Paulo	136	138	47	45
1.762 ♀, Sta. Catarina	146	145	49	45
1.442 ♀, R. G. do Sul	137	134	44	49
4.454 ♀, Pará	120	115	38	38
5.455 ♀, Amazonas	122	123	41	40

## MARSUPIAIS

### Fam. DIDELPHIIDAE

#### *Metachirops opossum quica* (Temminck)

*Didelphis quica* Temminck, 1826, Mon. Mammal., p. 36.

*Metachirops opossum quica* J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Brazilian Expedition; Bull. Am. Mus. Nat. Hist., vol. XXXV, p. 562 (Urucum, Mato Grosso).

*Metachirops opossum quica* M. Ribeiro, 1937, Didelphia ou Mammalia ovovivipara; Rev. Mus. Paul., tomo XX, p. 340.

(1) Bull. Am. Mus. of Nat. Hist., vol. XX, p. 392, 1904.

NOME LOCAL: "Cuica".

1 ♂ e 2 ♀ ♀ jovens, Palmeiras; colecionados por AGGIO e OLALLA em 8 e 10-VI-944.

Êstes exemplares teem a coloração geral do corpo um pouco mais cinza-escuro que os provenientes de várias localidades de São Paulo (Monte Alegre, Alto da Serra e Cantareira), mas nenhuma diferença apresentam nos crânios.

O exemplar nº 4.270, ♂, da antiga coleção do Departamento de Zoologia e proveniente de Cuiabá apresenta-se notavelmente claro, tratando-se evidentemente de simples variação individual.

A raça típica amazônica *M. opossum opossum* (L.) da qual temos bastantes exemplares de Cametá, Estado do Pará, é muito maior (comprimento máximo da cabeça e corpo, 370 mm). O crânio, além de ser muito maior, tem as arcadas zigomáticas mais largas, apresentando os machos crista sagital muito mais desenvolvida.

A esta raça pertencem os exemplares de nºs. 6.206 ♂, 6.207 ♀, coletados em 1942 em Santa Teresa, Estado do Espírito Santo.

Dimensões externas do exemplar nº 6.342 ♂ adulto: cabeça e corpo 280; cauda 298; pé posterior 40.

DIMENSÕES COMPARADAS DOS CRÂNIOS:

N.º	Comp. total	Larg. bizig.	Comp. palatil.	Comp. nasais	Larg. caixa craniana	Série molares superiores
6.342 ♂ Palmeiras	63	33	35	28	19	23
1.781 ♂ Est. S. Paulo	65	34	35	31	20	24
6.206 ♂ Esp. Santo	76	43	41	35	22	24
4.543 ♂ Cametá	76	40	42	36	21	25
4.653 ♂ Cametá	72	40	41	33	21	24

## R O E D O R E S

## Fam. ERETHIZONTIDAE

*Coendou centralis* Thomas

*Coendou centralis* O. Thomas, 1903, On the Mammals collected by M. Robert at Chapada; Mato Grosso; Proceed. Zool. Soc. London, vol. I, p. 240.

1 ♂ adulto, Palmeiras, Cuiabá, capturado vivo na derrubada duma roça em 4-VI-944.

NOME LOCAL: "Ouriço".

THOMAZ descreveu esta espécie baseado principalmente no crânio dum exemplar de Chapada que achou muito menos intumescido que o de *C. brandti* de Jentink, para cuja localidade tipo designou "Mato Grosso".

No colorido, êste exemplar de Palmeiras concorda com a descrição de THOMAZ:

"General colour rather darker, owing to the greater extension of the black on the spines, but there is no very material difference in this respect. Belly brown. Tail decidedly darker, especially along the middle line below".

As dimensões dadas por THOMAZ são: cabeça e corpo 480 mm; cauda 530; pé posterior 80; crânio: maior comprimento 94 mm; comprimento basilar 82; maior largura 53; comprimento palatila 42.

Êste exemplar de Palmeiras mede 520 mm de cabeça e corpo; cauda 400; pé posterior 103; crânio: maior comprimento 96; comprimento basilar 85; comprimento palatila 45.

Os exemplares de Goiás e Minas Gerais que possuímos provenientes de Cana Brava e Pirapora, apresentam-se com o colorido geral muito mais claro devido aos espinhos serem muito menos coloridos de preto na parte mediana.

Os crânios são muito menos intumescidos na região frontal.

Esta forma corresponde à *C. brandti* de JENTINK (1) e diferencia-se de *C. prehensilis* de LINNEU (2), cuja localidade tipo é Pernambuco, em ser menor e ter o crânio muito menos largo e intumescido.

(1) Notes Royal Zoology Mus. Netherland, 1879, Leyden, p. 96.

(2) Syst. Nat., 1758, 10.<sup>a</sup> ed. p. 56.

## Fam. DASYPROCTIDAE

*Dasyprocta azarae aurea* Cope

*Dasyprocta aurea* Cope, 1889, American Naturalist, vol. 23, p. 138 (Chapada).

*Dasyprocta azarae* O. Thomas, 1903, On the Mammals of the Percy Sladen Expedition; Proceed. Zool. Soc. London, vol. 1, p. 241 (Chapada); M. Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, Anexo 5, Zoologia, p. 43 (Cáceres e Tapirapoã); J. A. Allen, 1915, Mammals of the Roosevelt Brazilian Expedition; Bull. Am. Mus. Nat. Hist., vol. XXXV, p. 568 (Tapirapoã e Utiarití).

NOME LOCAL: "Cotia".

2 ♀ ♀ da Fazenda Aricá, Rio Aricá; OLALLA colecionador, 25-VI-944.

COPE, em 1889, descreveu uma nova espécie de cotia, *Dasyprocta aurea* baseando-se num exemplar proveniente de Chapada, Estado de Mato Grosso.

THOMAZ (1), em 1903, estudando o material colhido na mesma localidade por A. ROBERT, não achou diferenças apreciáveis entre as cotias aí caçadas e as do Paraguai e São Paulo (*D. azarae*).

ALLEN (2), em 1915, examinou o tipo de COPE (uma pele sem crânio) colecionada por H. SMITH em Chapada, em 1889 e considerou-a albino:

"not a white, but a yellow albino, the pelage being everywhere deep yellow mostly orange yellow on the upperparts paler on the ventral surface; the long hairs on the rump are much paler than the rest of the dorsal surface, and paler basally than at the tips. None of the hairs are annulated, as in normal specimens of the genus".

THOMAZ (3), em 1917, separando de *D. azarae* a cotia do Paraguai como nova espécie, *D. felicia*, refere-se a *D. aurea* nos seguintes termos:

"Cope's *D. aurea* from Chapada, Mato Grosso, stated by Allen to be founded on an albino, is, as indicated by some specimens from that place in the British Museum, barely distinguishable subspecifically from *D. azarae*".

Examinando-se êstes dois exemplares de Aricá, vê-se que as diferenças de colorido entre a cotia dessa região e *D. azarae* de LICH-

---

(1) "On the Mammals collected by M. A. ROBERT at Chapada; Procee. Zool. Soc. London, 1903, vol. 1, p. 241.

(2) "New South American Mammals; postcrit; Bull. Am. Mus. Nat. Hist., vol. XXXIV, p. 633.

(3) "Notes on Agoutis, with descriptions of new forms; Am. Mag. Nat. History, série 8, vol. 20, p. 311.

TENSTEIN, cuja localidade típica é “Província de São Paulo”, são bem mais sensíveis o que levou COPE a descrevê-la como espécie diferente.

A típica *D. azarae* de São Paulo, da qual possuímos muitos exemplares provenientes de diversas zonas do estado é de coloração geral cinza-mesclada de amarelo, levemente ocrácea; pés e mãos pretos; garganta, peito e ventre, amarelo-esbranquiçado.

Essa coloração, entretanto, varia consideravelmente, havendo indivíduos que se apresentam notavelmente ocráceos na região dorsal.

Êstes dois exemplares de Aricá, assim como dois outros de Salobra, sul de Mato Grosso, são de coloração geral preto-amarelada, mesclada de amarelo-vivo, levemente lavado de esverdeado na região dorsal; pés e mãos da mesma côr, apenas enegrecidos nos dedos; peito e ventre, amarelados.

As cotias dessas regiões de Mato Grosso constituem pois uma raça bem definida, separável da típica *D. azarae azarae* do Brasil meridional.

### Fam. SCIURIDAE

#### *Hadroskiurus langsdorffii langsdorffii* (Brandt)

*Sciurus langsdorffii* Brandt, 1835, Mus. Acad. Sc. St. Petesbourg, pt. 2, p. 425;

Thomas, 1903, On the Mammals of the Percy Sladen Expedition; Proc. Zool. Soc. London, vol. I, p. 237 (Chapada).

*Guerlinguetus langsdorffii* M. Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, Anexo 5, Zoologia, p. 36 (Cáceres e Tapirapoã).

*Urosciurus langsdorffii langsdorffii* O. Pinto, 1931, Rev. Mus. Paul., tomo VIII, p. 312.

*Hadroskiurus langsdorffii langsdorffii* Moojen, 1942, Bol. Mus. Nac., n.º 1, p. 36 (Cáceres, Chapada, Tapirapoã e Jacobina).

1 ♂ e 1 ♀ de Palmeiras e 1 ♂ do Rio Aricá, colecionados por OLALLA em junho de 1944.

NOME LOCAL: “Caxinguelê”.

Desta raça cuja localidade típica foi por ALLEN (1) designada como Cuiabá, nenhum exemplar possuía as coleções do Departamento de Zoologia.

Difere da raça *urucumus* de ALLEN (2) cuja localidade típica

(1) Review of South American Sciuridae; Bull. Am. Mus. Nat. Hist., Vol. XXXIV, 1915, p. 277.

(2) idem, p. 278.

é Urucum no Rio Paraguai, Estado de Mato Grosso, principalmente em ser de maior tamanho e de colorido geral mais claro.

Outras diferenças de coloração são notadas na base da cauda, que não é preta como em *urucumus*, e nas partes inferiores que são ocráceas muito mais amareladas.

Seis exemplares de Corumbá colecionados por GARBE em 1917 concordam plenamente com a descrição de ALLEN (1) e três exemplares de Santo Antônio do Rio Abaixo, também no Estado de Mato Grosso, posteriormente entrados na coleção do antigo Museu Paulista, também pertencem a esta forma.

DIMENSÕES COMPARADAS:

N.º	Comp. total	Cauda	Pé posterior	Comp. total crânio	Larg. inter-orbital	Larg. bizigomática	Larg. caixa cran <sup>a</sup>	Comp. nasais	Série molares
6.338 ♂, Palmeiras	500	235	65	61	21	38	25	18	10
6.339 ♀, Palmeiras	490	245	63	64	21	38	25	20	11
3.351 ♂, Corumbá	484	220	—	58	19	35	24	16	9
3.350 ♀, Corumbá	450	220	—	61	20	36	24	19	9

Fam. CAVIIDAE

*Cavia aperea* Erxleben

*Cavia aperea* Erxleben, 1777, Syst. Regn. Animalis, Class Mammalia, p. 348 (baseada no "Aperea" de Marcgrave).

*Cavia leucopyga* M. Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, Anexo 5, Zoologia, p. 44 (Cáceres).

NOME LOCAL: "Preá".

1 ♂ adulto e 1 ♀ imatura de Cuiabá; OLALLA colecionador, 21-V-944.

(1) Cf. O. PINTO, 1931, Rev. Mus. Paulista, tomo XVII, p. 314.

Estas preás concordam com os exemplares da mesma espécie provenientes de Lins e Franca, Estado de São Paulo, existentes em nossas coleções.

Além do tamanho, pois é a maior espécie do gênero, caracteriza-se pelo ventre esbranquiçado e uma larga mancha branca na linha mediana do peito, sob a coleira arruivada da garganta.

*Cavia rufescens* Lund que THOMAZ (1) considera sinônimo de *Cavia fulgida* de WAGLER (2) e da qual possuímos vários exemplares do Paraná e do Estado de São Paulo (Monte Alegre, Itatiba, e Campos de Jordão), é menor e de colorido geral muito mais arruivado. As partes inferiores são pardacentas, inclusive a garganta.

### Fam. ECHIMYIDAE

#### *Cercomys cunicularius cunicularius* Cuvier

*Cercomys cunicularius* Cuvier, 1829, Hist. Nat. Mammiferes, p. 62 (Lagoa Santa, Minas Gerais).

*Trichomys aperoides* M. Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, Anexo 5, Zoologia, p. 42 (Tucum, Mato Grosso)

1 ♂ juv. e 3 ♀ ♀ ad., da Faz. Aricá, Rio Aricá; col. AGGIO, VI-1944.

Não diferem dos exemplares que possuímos de Cana Brava e São Domingos (Goiaz) e Pirapóra (Minas Gerais).

O colorido apresenta-se variável, sendo o macho jovem bem mais rufescente que as fêmeas. Aliás, nos exemplares que possuímos os de n<sup>os</sup> 3.989 e 3.978, ambos machos, provenientes de Cana Brava, são francamente ocráceos, aberrando assim da coloração geral cinza-amarelada dos outros exemplares.

A raça *Cercomys cunicularius fosteri* THOMAZ do Paraguai (3) que, provavelmente será encontrada no sul de Mato Grosso e da qual possuímos topótipo de Sapucaí, Paraguai, é bem maior, alcançando 482 mm de comprimento total, dos quais 206 pertencem à cauda.

Nestes exemplares de Aricá, uma das fêmeas adultas atinge somente 355 mm de comprimento total e 132 de cauda.

(1) Ann. Mag. Nat. Hist., 1917, série 8, vol. 19, p. 159.

(2) Isis. 1831, vol. XXIV, p. 512.

(3) THOMAS, 1903, Ann. Mag. Nat. Hist., série 7, vol. 11, p. 227.

**Proechimys cayennensis longicaudatus** (Rengger)

*Echimys longicaudatus* Rengger, 1830, Naturg. Säugethiere von Paraguay, p. 236.

*Proechimys longicaudatus* O. Thomas, 1903, On the Mammals of the Percy Sladen Expedition; Proceed. Zool. Soc. London, vol. 1, p. 369 (Chapada); Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Brazilian, vol. XXXV, p. 369 (Urucum, Utiariti e Tapirapoã).

1 ♂ ad. e 3 ♀ ♀ ad., Palmeiras; AGGIO e OLALLA col., VI-1944.

Desta raça possuía a coleção do Departamento de Zoologia apenas uma fêmea jovem de Chapada, Estado de Mato Grosso.

A coloração é pardo-ocrácea com a cabeça e o dorso escurecidos; partes inferiores inteiramente brancas; membros anteriores e posteriores pardacentos; cauda inteiramente nua.

**DIMENSÕES DO MACHO ADULTO:** comprimento total 400 mm, cauda 155, pé posterior 55; comprimento total do crânio 59; largura bizigomática 28; comprimento condilobasal 44; comprimento palatillal 20; série molar 10; comprimento da mandíbula 30.

**Fam. CRICETIDAE****Nectomys squamipes mattensis** Thomas

*Nectomys squamipes mattensis* Thomas, 1903, On the Mammals of the Percy Sladen Expedition; Proceed. Zool. Soc. London, vol. 1, p. 238 (Chapada).

1 ♂ juv. de Palmeiras; A. AGGIO col., 6-VI-1944.

Esta raça de rato nadador difere principalmente da raça típica *N. squamipes squamipes* BRANTS em ter o crânio mais curto e arredondado.

Nos caracteres externos porém, nenhuma diferença apresenta.

Sendo êste exemplar ainda muito novo, deixamos de dar as dimensões externas e cranianas que nenhum valor teriam.

**Oecomys roberti** (Thomas)

*Rhipidomys roberti* O. Thomas, 1903, On the Mammals of the Percy Sladen Expedition; Proceed. Zool. Soc. London, vol. 1, p. 237 (Chapada).

1 ♀ da Faz. Aricá, Rio Aricá; A. AGGIO col., 27-VI-1944.

Êste exemplar está de pleno acôrdo com a descrição de THOMAZ

quanto ao colorido e demais caracteres externos, divergindo porém nas dimensões, pois é bem menor.

DIMENSÕES: comprimento total 350 mm; cauda 184; pé posterior 37.

*Oryzomys* sp.

1 ♀ de Palmeiras; A AGGIO col., 6-VI-1944